

Lusíada



Repositório das Universidades Lusíada

Universidades Lusíada

Evangelista, Luís

Egocentrismo

<http://hdl.handle.net/11067/6914>

<https://doi.org/10.34628/sys8-5q86>

Metadados

Data de Publicação

2023

Tipo

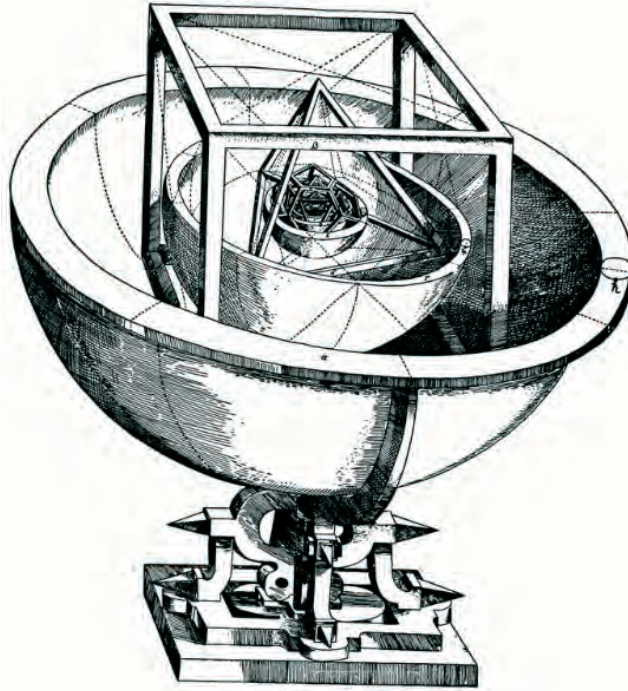
bookPart

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-04-28T16:19:56Z com
informação proveniente do Repositório

EGOCENTRISMOS

Luís Evangelista

DOI: <https://doi.org/10.34628/sys8-5q86>



Johannes Kepler - Máquina cósmica

“Ippur si move”. Diz a Lenda que esta enigmática frase foi proferida por Galileu galilei após a sua sentença pela Santa Inquisição em 1633, pelas suas ideias inovadoras sobre o movimento dos astros. “Contudo ela se move” era o último suspiro do derrotado cientista que ousou tirar a terra do centro do universo, relegando a importância do planeta para segundo plano, trocando esse centro por outro, superior à nossa existência, tornando a terra e os seus habitantes em mais em entre outros. O Ego dos homens é tal forma robusto que a concepção de que nos cabia apenas um papel secundário e irrelevante na arquitectura universal de átomos e moléculas que compõem tudo o que existe era, por si só inaceitável. Era herética. Foram necessários mais de 300 anos para que a sentença fosse, ela própria, condenada e um pedido de desculpas fosse extemporaneamente feito. pelo papa João Paulo II, em 1992. De pouco serviu ao visado, condenado a prisão doiciliária até ao fim dos seus dias, mas seguramente trouxe o pensamento da igreja para mais próximo do pensamento científico. Aos dias de hoje, já se sabe que também Galileu

estava errado. O centro do Universo mas existe, não existindo um foco sobre o qual tudo o que existe gira, mas sim uma dança insondável de corpos que interagem mutuamente até à sua morte ou fim dos tempos. Do geocentrismo de Ptolomeu, passámos para o Heliocentrismo de Copérnico e Galileu, para o “Nihilcentrismo”¹ moderno.

Este exemplo de Interação cósmica, indiferente às questões mundanas, pode ser transposto para as mesmas: para os Homens, enquanto entidade biológica que se organiza e agrega em grupos sociais. Desde a pré-história que o homem percebeu que apenas sobreviveria se co-habitasse em grupos. A sua agregação transformou-se em estruturas sociais complexas que necessitavam de regras para garantia de funcionamento, traduzidas que fossem em qualquer forma mais ou menos regulada e organizadas. As agremiação têm por principio basilar a necessidade de garantir a segurança e bem-estar de todos os seus membros, não da forma individualizada, mas colectiva, prevalecendo a vontade do grupo sobre a individual. A necessária convivência colectiva agregada em espaços mais ou menos confinados obrigou, ao longo dos tempos a que se estabelecessem normas e padrões. Sejam elas através da lingua, a mais pacificadora das normas de interação humana, quer através das leis, sejam elas estabelecidas pelos homens (como o código de Hammurabi), ou estabelecidas “estabelecidas pelo divino” (como são as tábuas de Moisés), quer ainda por padrões de comportamento mais ou menos empíricos, mutáveis e evolutivos no tempo, certamente, mas aceites e consensuais à sua época, a ordem social conseguida pela norma foi garantia de prosperidade e desenvolvimento.

A este forma de progresso lento respondem os revolucionários com as suas ideias de mudança instantânea das sociedades. Não obstante os seus méritos, as revoluções tendem a deixar para trás vítimas e danos colaterais que a história mostrou muitas vezes serem demasiado elevados para os objetivos alcançados. Contudo, muitas vezes também, para um revolucionário apenas a ideia importa, sendo aceitáveis todas e quaisquer sacrifícios que tenham de ser suportados. Não será alheio e esse facto que a maior parte dos sacrifícios tenham de ser ser suortados

¹ Nihil é o termo latim para nada, usado pelo autor de forma livre para efeitos narrativos

por aqueles que não comungam do ideal. Mas também os aliados são “sacrificáveis”; naquilo que se poderia classificar como falta de empatia para com o outro. Entre colocar em perspectiva pontos de vista opostos, levando a reflexão e ponderação, ou acreditar intransigentemente no ideal em que acredite, o mais feroz dos revolucionários escolhe quase sempre a última: o seu ego não lhe permite outra coisa. O pensamento de que o ideal pelo qual luta pode não ser virtuoso é insuportável. O egocentrismo é inimigo da reflexão, da tolerância e do auto-escrutínio, sendo também por isso aliado da intolerância para com pensamentos opostos. O ego, enquanto parte integrante da definição individual de cada um é, como tal, natural e positivo, torna-se problemático quanto a sua satisfação constante passa a ser o objetivo último. O que nos traz à era em que vivemos.

O mundo, o nosso mundo civilizado, está cada vez mais egocêntrico. Fruto de uma prosperidade sem igual na história da Humanidade (mesmo considerando as descidas buscas por razões muito pontuais, mesmo que significativas), o conforto coletivo tem aumentado e o ócio é cada vez mais uma parte integrante da vida social, sendo mesmo forma de sustento para cada vez mais pessoas. Antes da época das redes sociais, as profissões que tinham como objetivo “entreter terceiros” estavam reservados a artistas e desportistas. Com o advento das redes sociais, todo e qualquer cidadão é, em potencial, um artista. Um entertainer. Ou um influencer, profissão em que um cidadão aparenta viver a sua vida à frente de um ecrã, tentando que a sua audiência replique os seus movimentos: especialmente na parte a que adquira os produtos que a eles são oferecidos: micro-publicidade, assente no ego do influencer e no anseio do alvo em satisfazer o seu ego, atingindo, também ele, o patamar de Deus das redes sociais. Mesmo fora da vida pública dos influencers, cada utilizador é um curador da exibição permanente da persona que decide mostrar, tipicamente evidenciando apenas os aspectos positivos das suas vidas, numa distorção da sua realidade que carece de puramente validado por terceiros.

Essas personas são tipicamente rodeadas e interagem com aqueles que validam as suas intervenções, provocando um ciclo vicioso de distorção-validade, que amplia o egocentrismo dos intervenientes. Essa validação, constante e mútua, é fértil para que se seja cada vez mais into-

lerante para quem ouse pensar diferente. As redes sociais são caixas de ressonância dos nossos próprios pensamentos, amplificando as nossas convicções sobre os mesmos, diabolizando quem pense diferente. Os amplificadores do ego que são as redes sociais validam as ideias até ao ponto em que se julga que merecem ser difundidas amplamente e combatido quem lhes faz frente. O ego torna-se virtuoso e merece justiça. E, quando juntos, esses conjuntos de egos validados mutuamente tornam-se justiceiros. Inicialmente, são conhecidos “justiceiros de teclado”, que vocifera indignação conta tudo que se lhes opõe. Mas rapidamente esse combate virtual se pode transformar num combate físico, seja manifestações, ou mesmo por tumulto social nas ruas. Alt-right, woke cultura, anti-vaxers, anti-globalização, justiceiros climáticos são apenas os mais mediáticos casos de grupos de pessoas que entendem que os seus ideais são virtuosos e quem se lhes opõe merece ser combatido. Cavam trincheiras e repudiam violentamente os opositores ou quem ouse pôr em causa o ideal; quem ouse questionar; quem lhes ataque o ego. A razão é simples: é muitas vezes mais fácil atacar a mensagem ou mensageiro que se opõe do que defender racional e estruturada mente as convicções. É mais fácil cancelar o opositor do que questionar o próprio pensamento: o ego não o permite. O cancelamento do opositor é uma técnica recorrente: expor publicamente os actos, pensamentos e ideias daqueles que se opõem, para que seja humilhado e atacado por o maior grupo de pessoas possível. Esta nova forma de intolerância, denominada cultura de cancelamento é uma das mais vis formas de ataque àqueles que se opõem, porque tem como objetivo último a destruição do opositor. Desde o mais virtuoso dos pintores ao mais brilhante dos poetas, ao mais anónimo dos interlocutores, ninguém está a salvo. Nem das suas acções no presente, nem das suas acções no passado, indiferentemente do contexto ou enquadramento histórico das mesmas. Sendo certo que qualquer indivíduo é responsável pelos seus actos, também é importante ressaltar que estes podem ser descontextualizados e reutilizados de forma pernicioso. Também é possível que uma determinada pessoa possa ter errado no passado e percebido quão errada era a sua posição. Contudo, nada disso importa. A política de cancelamento não aceita atenuantes ou desculpas. Todos são culpados até prova em contrário. Uma outra consequência desta nova forma de intolerância é a de provocar o acanhamento dos indivíduos em expor publicamente pensamentos dissonantes. Uma auto-censura, promovida não pela moral

daquela que a pratica , mas pela moral de terceiros, pelo simples facto de esses mesmos terceiros se poderem ofender com os pensamentos censurados.

O receio do debate e do diálogo está a ficar instalado na sociedade, apesar de nunca ter havido tantas formas de diálogo. As facções arregimentam-se em torno dos micro-ideais que os tornam, aos seus olhos, importantes na sociedade. Agregam-se em torno das convicções de que estes é que estão correctos e são puros, em oposição a todos os outros, errados e impuros. Estes últimos poderão ou não ser salvos, sejam eles capazes de entender o virtuosismo das causas que inicialmente criticaram.

Nunca houve tanta possibilidade de comunicação e diálogo, mas também nunca houve tão pouca vontade de ouvir opiniões contrárias. A época do Iluminismo já vai longínqua e parece desvanecer-se. A fase das certezas absolutas parece, cada vez mais, de volta. O regresso do obscurantismo por via dos novos revolucionários, os activistas, parece uma realidade. Os guerreiros de teclado, transformados guerreiros das lutas mais ou menos efémeras que defendem, transformados nos novos inquisidores. Entidades egocentricas para as quais tudo o que se mexe deve girar em torno dos seus ideais, sem tolerância para com corpos estranhos que orbitem outras orbitras, ou sejam apenas objectos livres, que preferem não orbitar em torno de nada. Orbite-se em torno dos egos, ou seja-se condenado, é cada vez mais a escolha a fazer. Todos estaremos condenados a tornar-nos egocentricos. E o centro do universo anterior a Galileu Galilei, o planeta Terra, um lugar cada vez mais vazio e hostil.